

barulho algum. Também o menino pálido encontra logo o túmulo da mãe. É um túmulo novo, sem adorno ou cuidado destaca-se na neblina fresca de manhã. O pequeno menino se ajoelha, coloca a pequena cruz ao lado da cabeça da morta e reza em voz baixa. O anjo que o acompanha abaixa-se para ler o que estava escrito na cruz. “*Minha querida mãe*” está escrito com letras grandes e infantis em diagonal na madeira. Mais nada. O anjo beija o menino na cabeça.

Aos poucos, os outros túmulos vão sendo enfeitados com muitas e muitas flores e coroas dos tristes visitantes. Os olhos do menino olharam apreensivos para o túmulo vazio e um estremecer de dor atravessou o pequeno rosto do menino. “Querido Deus”, rezou baixinho, “por favor, deixe crescer uma flor bonita para minha mãe, eu tenho que ir embora para o orfanato e não poderei mais levar flores para ela. Mas Você é bom e poderoso e eu Lhe imploro!”

Neste momento o anjo beijou o menino uma segunda vez e um brilho de certeza veio nos olhos castanhos do menino. Ele arrumou a cruz mais uma vez, beijou o túmulo da mãe e seguiu os outros que foram para a casa.

Mas o anjo voou para a casa de Deus e contou o desejo do menino.

-É inverno, disse o Senhor, todas as plantas dormem; e agora eu devo mudar as leis só por causa deste menino?!

-Seu poder, Senhor, é maior que Sua lei, Sua bondade é superior a Sua vontade!

Neste momento, o Senhor sorriu, uma música tocou nas estrelas e as nuvens brilharam.

-Vem comigo!, disse para o anjo e eles foram para o jardim do paraíso.

Lá florescem as flores que foram destruídas na terra por mãos que as jogaram fora e pés que não tomaram cuidado. Elas ficam muito mais bonitas aqui, na luz do céu, do que sob o sol da terra. Quando o Criador se aproximou, as flores e as gramas se estenderam na direção dele e os cálices produziram perfume e brilho.

Deus se aproximou de um lírio branco, que tremia ao ser tocado e beijado por Ele, e entregou-o para o anjo.

- Para alegria do filho da terra e como lembrança do meu próprio Filho, ele vai florescer na neve e no gelo como mensageiro do céu. Os ventos têm de distribuir suas sementes nos países do norte e que calor de minha vontade percorra suas raízes e nelas permaneçam para sempre!

- Você, porém, deve afastar as marcas da morte e proteger o menino de bom coração. Estenda as asas sobre ele, de modo que a semente que brota em sua alma não morra no frio e na seca e assim a flor do amor ao próximo nele floresça. Ela é a mais bela de todas as flores do paraíso.

Agradecendo, o anjo se inclinou e beijou o manto de Deus e foi cumprir as suas ordens.

Foi assim que a flor de Cristo chegou à terra, e os homens de fé percebem sua origem divina.

Tradução de Annelie Scheider

A história de uma mosca de inverno

Há muito tempo, fui uma pequena mosca de inverno. Vocês não devem rir, queridas crianças, me lembro muito bem: arrastava-me para lá e para cá no alto da vidraça e via as árvores negras e a neve branca do lado de fora. De início, eu ainda tinha companhia, uma varejeira aleijada que nasceu na primavera e me contava sobre aquela estação. As árvores negras tinham uma imensidão de suas folhas verdes e, em frente à casa, onde agora estava a neve, tudo fora colorido e brilhante, repleto de flores e ervas e perfumes e mel. As pequenas libélulas azuis balançavam-se no ar como florzinhas vivas e o sol brilhava em seus corações. E eu ansiava pela primavera. A velha mosca tornou-se cada vez mais silenciosa, ela não queria mais viver e uma manhã caiu morta sobre o peitoril.

Agora fico sozinha pensando na primavera que a varejeira descrevia, será que ela vai voltar?

O quarto, no qual voava, era grande e quente. Tinha frisos de madeira brilhante com entalhes escuros, nos quais era possível passear; comida também não me faltava, mas não gostava de ficar voando por aí, sempre à espera.

A velha senhora na poltrona junto à janela também esperava, eu sentia isso. Ela sempre usava um vestido marrom; um de lã durante a semana e no domingo um de seda. Eu gostava de voar alto e pousar sobre os punhos brancos de renda. Ali podia ficar por bastante tempo e ver os velhos dedos magros, que zelosos tricotavam meias masculinas. Às vezes, ela também tinha um jornal nas mãos e à meia voz lia para si, em geral sobre navios que deviam chegar; às vezes também passava muito tempo olhando quieta pela janela. Muitas vezes eu pensava: ela também deve estar esperando a primavera.

Um dia chegou uma longa carta, que ela sempre relia. Naquele momento, eu estava pousada sobre a cabeça de leão entalhada em sua poltrona.

-Veja, pequena mosca do inverno, disse ela, veja, agora vem meu menino, meu Konrad, e estava bem corada e contente.

Desse dia em diante, usava o vestido de seda marrom e ficava ainda mais em frente à janela. Procurou a antiga prataria na cristaleira e a poliu, e a criada pôs uma cortina branca limpa.

Então passou um dia após o outro, e nós ainda esperando. A velha senhora aguardando seu filho, e eu a primavera. Finalmente ele chegou. Um jovem moreno rompeu pela porta. "Mãe, mamãe, mãezinha", chamou; a velha senhora apenas chorou, não disse uma palavra e acariciava constantemente o cabelo dele. À porta, estava uma jovem, com olhos brilhantes e rosto claro, que o jovem tomou pela mão e disse:

-Esta é Susanne, minha noiva, agora você terá também uma filha, uma filha muito querida.

A velha senhora não conseguiu dizer mais nada; sentou no sofá entre os jovens e acariciou alternadamente suas mãos. Então, feito o café, parei sobre um torrão de açúcar, e os noivos receberam as lindas xícaras prateadas.

Então finalmente a mãe conseguiu falar e contou sobre seu noivado. Bebera destas xícaras com seu esposo no dia de seu casamento e novamente no dia do batizado de Konrad. As xícaras seriam dadas de presente para seus filhos, assim como também foram presenteadas por seu pai.

O jovem falou de sua viagem pelo oceano, e a jovem moça sobre seu lar e suas pequenas irmãs e sobre como se apaixonou por Konrad. A velha senhora olhava feliz de um e para o outro e abraçava-os de tempos em tempos. Mais uma vez sonhei com a primavera e voei até a janela.

Lá fora não havia mais neve, só poças d'água sobre o prado e o sol cintilava como ouro. Nas árvores negras havia brotos verde-claro, e minhas asas tremiam de vontade de voar para fora, mas a janela estava fechada.

A noite foi agitada em casa. Ouvi portas abrindo e batendo e um carro indo para lá e para cá. Também tive a impressão que choravam no andar de cima. De manhã vieram ao quarto o jovem e a moça, pálidos e com roupas negras. Sentaram-se silenciosamente no sofá e por algum tempo não falaram uma palavra. De repente o jovem se levantou, passou a mão pelo cabelo e disse:

-Venha, querida, ela morreu de felicidade e com alegria vamos pensar em nossa querida mãe! Não podemos esquecer deste dia de primavera e lembrar todos os anos sua partida! Olha, como lá fora tudo renasce com nova luz! Venha!

E eles foram de mãos dadas, e eu voei atrás deles. Lá fora estava pura luz e sol, e era como se voasse pela primeira vez. Deslizava contente de uma árvore para outra, até que cheguei a uma sem folhas, mas com flores muito brilhantes. Que perfumadas e vibrantes! Delirei de um cálice a outro e sorvi e bebi e delirei. O sol brilhava em meu coração e as pequenas libélulas azuis oscilavam em torno de mim, e tudo ciciava, soprava, vibrava... Então devo também ter morrido de alegria, pois não sei mais nada sobre o tempo em que era uma pequena mosca do inverno.

Tradução de Lara Frichenbruder Kengeriski